

# O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança lingüística na escrita de revistas em quadrinhos<sup>1</sup>

*Maria Marta Pereira Scherre*  
Universidade de Brasília

## 1. Introdução

Trato neste texto do uso do imperativo singular associado à forma indicativa – *fala*, *abrE*, *faz* – ou à forma subjuntiva – *fale*, *abrA*, *faÇA*. Na perspectiva diacrônica, a história relata que *fala*, *abrE* e *faz* se remetem ao imperativo latino singular e *fale*, *abrA* e *faÇA* são suas formas supletivas (Elia, 1974: 238-239; Mira Mateus *et al.*, 2003: 256, 451-453; Cunha & Cintra, 1985: 465). Na perspectiva sincrônica, a tradição gramatical brasileira registra que *fala*, *abrE* e *faz* são formas do imperativo afirmativo, derivadas do presente do indicativo do pronome *tu*, sem o –s final. Registra também que *fale*, *abrA* e *faÇA* são formas imperativas tomadas emprestadas do presente do subjuntivo para o pronome *você* em construções afirmativas e negativas. A tradição gramatical brasileira registra, portanto, paradoxalmente, que as formas imperativas *próprias* são *derivadas* do modo indicativo (Bechara, 1999: 237; Cegalla, 1991: 166-167). Faraco (1986; 1996) fez um estudo detalhado do percurso histórico do pronome *você* e da expressão do imperativo e argumenta que o imperativo hoje associado à forma indicativa nada tem a ver com o modo indicativo. Segundo ele, trata-se apenas de uma confluência fonológica entre o indicativo e o imperativo.

Assumo neste trabalho que, no português brasileiro, formas do tipo *fala*, *abrE*, *faz*, por um lado, e do tipo *fale*, *abrA*, *faÇA* são variantes do imperativo, que podem expressar pedido, solicitação, convite, súplica, aviso, conselho, sugestão, exortação ou ordem, em configurações sintáticas sem sujeito exposto, com pouca ou nenhuma relação com os contextos de ocorrência dos pronomes *tu* ou *você*. As estruturas imperativas do português brasileiro em uso, falado e escrito, evidenciam, portanto, um processo de variação que se afasta da norma codificada, tendo em vista ser possível a alternância entre *fala*, *abrE*, *faz*, por um lado, e *fale*, *abrA*, *faÇA*, por outro, em contextos do pronome *você* e do pronome *tu*, alternância esta que é regida por restrições de natureza estrutural e não-estrutural (Scherre *et al.*, 1998, 2000; Scherre, 2004; Sampaio, 2001).

A distribuição global dos dados de eventos não-formais de fala natural analisados por diversos pesquisadores indica um corte geográfico claro: regiões Sul, Sudeste e

---

<sup>1</sup> Agradeço a Thais Fernandes Sampaio pelo levantamento, codificação e conferência criteriosa dos dados, especialmente os da década de 70. Agradeço também ao CNPq, pela concessão de bolsa de produtividade em pesquisa desde 1984.

Centro-Oeste, com predominância quase absoluta de imperativo associado à forma indicativa; região Nordeste, com predominância forte de imperativo associado à forma subjuntiva, como se pode ver a seguir:<sup>2</sup>

- 1) 95% a 98% de imperativo associado à forma indicativa na fala espontânea de Brasília – região Centro-Oeste – dados do final da década de 90, em contexto de predominância do pronome *você* (Scherre *et al*, 1998; Rodrigues, 1993)
- 2) 100% de imperativo associado à forma indicativa na fala espontânea de Goianésia – região Centro-Oeste – dados do final da década de 90, em contexto exclusivo do pronome *você* (Ferreira, 2001)
- 3) 92% de imperativo associado à forma indicativa na fala formal e informal de Brasília – região Centro-Oeste – dados da década de 90, em contexto de predominância do pronome *você* (Silva, 2003)<sup>3</sup>
- 4) 95% de imperativo associado à forma indicativa na fala espontânea de Campo Grande – região Centro-Oeste – dados do final da década de 90, em contexto exclusivo do pronome *você* (Lima, 2004)
- 5) 98% de imperativo associado à forma indicativa na fala do Rio de Janeiro – região Sudeste – em diálogos de mãe-filho da década de 80, em contexto de alternância dos pronomes *você/tu* (Morais, 1994: 12)
- 6) 94% de imperativo associado à forma indicativa na fala do Rio de Janeiro – região Sudeste – dados da década de 90, em contexto de alternância dos pronomes *você/tu* (Sampaio, 2001: 109; Paredes Silva, 1998)
- 7) 100% de imperativo associado à forma indicativa na fala espontânea de Florianópolis – região Sul – dados da década de 90, em contexto de alternância do pronome *tu/você* (Bonfá, Pinto & Luiz, 1997: 10-11)
- 8) apenas 28% de imperativo associado à forma indicativa na fala de Salvador – região Nordeste – dados da década de 90, em contexto de predominância do pronome *você* (Sampaio, 2001: 79-80)
- 9) apenas 34% de imperativo associado à forma indicativa na fala de João Pessoa – região Nordeste – dados da década de 90, em contexto de predominância do pronome *você* (Alves, 2001: 54)

Interessada em entender um pouco mais do que subjaz aos processos de variação e mudança instalados, meus olhos se voltaram para dados de uma revista em quadrinhos genuinamente brasileira, a atual revista da *Turma da Mônica* do escritor e empreendedor paulista Maurício de Sousa. O contexto discursivo dos dados analisados é exclusivamente o do pronome *você*. Em outras palavras, não existe o pronome *tu* na amostra analisada. Na década de 70, a obra deste autor apresenta ínfimos 7% de imperativo associado ao indicativo do tipo *faça*, *abra* e *faça*. Todavia, no final da década

<sup>2</sup> Ainda não temos conhecimento de pesquisa com a fala da região Norte, onde há a presença do *tu* com concordância variável.

<sup>3</sup> Para a obtenção deste percentual, refiz a contagem dos dados de Silva (2002), tendo em vista que sua contagem inicial engloba dados não considerados nas outras pesquisas.

de 90, este percentual sobe para 55%, exatamente no contexto discursivo em que a tradição registra apenas imperativo associado ao subjuntivo do tipo fale, abra e faça. Por esta razão, a análise destes dados se reveste de especial interesse.

## 2. Análise de dados da Turma da Mônica

### 2.1. Preliminares

As histórias de Maurício de Sousa oferecem condição ímpar de análise linguística. Como relata o próprio autor na obra *As primeiras histórias da Mônica*, suas histórias começaram a ser publicadas no final da década de 50, mais precisamente em 1959, com *tirinhas* dos personagens Franjinha e Bidu (Sousa, 2002: 190). As primeiras revistas da então *Mônica e sua Turma*, exatamente 10, foram publicadas entre maio de 1970 e fevereiro de 1971 (Sousa, 2002: 9). Meu interesse pelo estudo deste fenômeno começou em 1992 e por estas revistas, em especial, em 1998, ao lado de diversos outros jovens pesquisadores que também se ocuparam deste tema (Scherre *et al*, 1998; Scherre, 2004).

Voltando, assim, minha atenção para o presente e para o passado, apresento neste texto resultados de uma análise com base em dois *corpora*. O primeiro é do início da década de 70 – *As Primeiras Histórias da Mônica* – com 25 histórias das 10 primeiras revistas da Mônica e sua Turma, de Maurício de Sousa, produzidas em 1970 e republicadas em 2002 pela Editora Globo, com rigorosa manutenção de todas as características da época. O segundo é do final da década de 90, constituído por 15 revistas da *Turma da Mônica*, de Maurício de Sousa e Produções, publicadas em 1998 e em 1999 pela Editora Globo (três da Mônica – números 75, 140 e 154; três do Cebolinha – números 52, 54 e 141; três do Cascão – números 46, 53 e 54; três da Magali – números 21, 22 e 23; três do Chico Bento – números 46, 52 e 54).

O objetivo específico do trabalho que está sendo realizado é, portanto, explicitar processos de mudança linguística na língua escrita, por meio da comparação da expressão gramatical do imperativo – variante associada ao *indicativo* vs. variante associada ao *subjuntivo* –, em diálogos de revistas em quadrinhos genuinamente brasileiras, escritas no início da década de 70 e no final da década de 90. Trata-se de um intervalo aproximado de 30 anos – uma geração e meia –, intervalo este em que, segundo Labov (1981), é possível capturar *mudança em progresso* na língua falada.

Em (A) e (B), relaciono exemplos de construções imperativas variáveis para, respectivamente, a década de 70 e de 90, em contextos sintáticos bastante semelhantes, com as partes mais relevantes em *itálico*:

(A) EXEMPLOS EM CONSTRUÇÕES AFIRMATIVAS EM CONTEXTO DISCURSIVO DO PRONOME *VOCÊ*, NAS REVISTAS DO INÍCIO DA DÉCADA DE 70:

#### **Imperativo expresso pela variante associada à forma *indicativa*:**

- (1) << “*DEIXA*” QUE A GENTE SAIA DAQUI, PRIMEIRO!>> (Sousa, 2002: 136)
- (2) << “*OLHA*”, TURMA! É A MÔNICA, DE NOVO! (Sousa, 2002: 102)

**Imperativo expresso pela variante associada à forma *subjuntiva*:**

- (3) << ORA! *DEIXE* QUE ÊLE DÊ UMAS MORDIDAS! >> (Sousa, 2002: 136)  
 (4) << *OLHE!* A MÔNICA FICOU “VELMELHA” DE “LAIVA”!>> (Sousa, 2002: 53)

(B) EXEMPLOS EM CONSTRUÇÕES AFIRMATIVAS E NEGATIVAS EM CONTEXTO DISCURSIVO DO PRONOME *VOCÊ*, NAS REVISTAS DO FINAL DA DÉCADA DE 90:

**Imperativo expresso pela variante associada à forma *indicativa*:**

- (5) É AGORA, TONICÃO, *FAZ* O GOL! (Almanaque do Cebolinha – 54, Sousa, 1999: 75)  
 (6) PSST! NÃO *FAZ* ESCÂNDALO, CEBOLINHA!! (Cebolinha – 141, Sousa, 1998: 7)

**Imperativo expresso pela variante associada à forma *subjuntiva*:**

- (7) *FAÇA* ESSA BOLA SE MEXER AGORA! (Almanaque do Cebolinha – 54, Sousa, 1999: 75)  
 (8) NÃO, SEU MONSTRO! NÃO *FAÇA* ISSO! (Almanaque do Cascão -53, Sousa, 1998: 76)

Os dados estão sendo analisados segundo a Teoria da Variação Lingüística Laboviana, cujo pressuposto básico associa à estrutura lingüística a noção de heterogeneidade ordenada: a língua é concebida como inerentemente variável e a suposta *variação livre* é vista como passível de descrição sistemática, em função de restrições lingüísticas e não-lingüísticas. Um dos objetivos centrais desta teoria é o entendimento dos mecanismos da mudança lingüística (Weinreich, U., Labov, W. & Herzog, M. I., 1968; Labov, 1975). A metodologia analítica utilizada é fornecida pelos programas Varbrul (Sankoff, 1998; Pintzuk, 1988). A análise apresentada é binária: variante do imperativo associada ao *indicativo* e variante do imperativo associada ao *subjuntivo* e, neste trabalho, as freqüências e os pesos relativos devem ser lidos com relação à variante imperativa associada ao *indicativo*.

Analisei 162 estruturas imperativas de número singular da década de 70 e 658 da década de 90. Entre as 162 estruturas da década de 70, há apenas 11 casos de imperativo associado ao *indicativo*, 7%; entre as 658 da década de 90, já há 363 casos de imperativo associado ao *indicativo*, 55%. Isto indica que num lapso temporal de cerca de 30 anos há um aumento de 48 pontos percentuais em direção ao imperativo associado à forma *indicativa*, aumento este sem dúvida significativo.

O afastamento evidente entre norma e uso observado na análise dos dados da década de 90 não se verifica nos dados da década de 70. Nas histórias da década de 70, o autor indica que tinha consciência relativa de que estava escrevendo estruturas fora do padrão codificado, o que se evidencia pelo uso de *aspas*, ilustrado em (9) e (10):

- (9) << “*DEIXA*” QUE A GENTE SAIA DAQUI, PRIMEIRO!>> (Sousa, 2002: 136  
 “Mônica Enfrenta o Menino de Borracha” em *As Primeiras Histórias da Mônica*)

- (10) << “*OLHA*”, TURMA! É A MÔNICA, DE NOVO! (Sousa, 2002: 102 “O Medo da Mônica” em *As Primeiras Histórias da Mônica*),

Segundo Sousa (2002: 7), na republicação das histórias da década de 70, “tudo foi mantido como no original: a linguagem, a ortografia da época, os traços dos desenhos e as cores que eu e minha equipe usávamos”.

O controle do autor a respeito do afastamento da norma codificada é relativo porque, das 11 formas de imperativo associado ao indicativo, há quatro sem aspas. Além disso, uma das cinco formas entre aspas reproduz a fala do personagem *Cebolinha* “*Segula...!*”, que assim se transcreve também para indicar troca de *r* por *l* na fala deste personagem. Nos dados da década de 90, todavia, apenas a fala deste personagem, quando há troca de *r* por *l*, é colocada entre aspas, ou seja, nenhuma das 363 formas imperativas associadas ao indicativo da década de 90 vem entre aspas.

Na busca de entender o sistema interno das duas amostras, apresento e avalio resultados em função de restrições já vistas como pertinentes em outras amostras do português brasileiro falado e escrito, a saber: (1) polaridade da estrutura, (2) presença, tipo, localização e pessoa dos pronomes, (3) presença ou ausência de vocativo. As variáveis (4) número de sílabas do verbo na forma infinitiva e (5) paradigma verbal, tipo de oposição entre as formas verbais e paralelismo fônico não são apresentadas por limitação de espaço.

## 2.2. Restrições estruturais

### 2.2.1. Polaridade da estrutura

Tendo em vista que o contexto discursivo das duas amostras é exclusivo do pronome *você*, não há como testar a associação direta ao tipo de pronome, feita pela tradição gramatical. Testei, todavia, o efeito da variável *polaridade da estrutura*, que nos revela fatos interessantes, com base nos resultados apresentados na tabela 1.

	Início da década de 70	Final da década de 90
Fatores	Frequência do imperativo associado à forma indicativa	Frequência do imperativo associado à forma indicativa
<i>Polaridade negativa:</i> Da próxima vez não fale a verdade!	0/ 23 = 0%	21/ 80 = 26%
<i>Polaridade afirmativa:</i> Faz de conta que você está andando pela rua...	11/139 = 8%	342/578 = 61%
Total	11/162 = 7%	363/658 = 55%

Tabela 1 – Efeito da polaridade da estrutura no uso do imperativo associado à forma indicativa em diálogos de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* – Contexto discursivo do pronome *você*

Na década de 70, não há variação lingüística em estruturas negativas. Neste contexto, como registra a tradição, só há o uso da forma supletiva, a forma imperativa associada ao subjuntivo (23 casos). Na década de 90, embora as estruturas negativas tendam a desfavorecer imperativo associado ao indicativo, já se observa 26% de imperativo na forma associada ao indicativo neste tipo de estrutura. Além disso, observa-se aumento de 53 pontos percentuais de uso da forma associada ao indicativo nas construções afirmativas. Os resultados apresentados na tabela 1 evidenciam inequivocamente a expansão regular do imperativo associado à forma indicativa nas duas configurações sintáticas analisadas.

### 2.2.2. Presença, tipo, localização e pessoa de pronomes

Explicitiei em textos anteriores que os registros da tradição não dão conta de grande parte da variação encontrada nos dados analisados por diversos pesquisadores. Portanto, outras hipóteses foram aventadas para o entendimento da *heterogeneidade ordenada* que governa este fenômeno variável. A análise de Leite (1994: 10-11), com diálogos da telenovela *Fera Ferida*, no período de 29/04 a 30/06 de 1994, identificou que a presença e a posição de um pronome de forma oblíqua evidenciavam maior ocorrência do imperativo associado ao subjuntivo. Detalhei o controle desta restrição, observando o tipo de pronome – se da forma reta ou oblíqua; a pessoa do pronome oblíquo – se da primeira, da segunda ou da terceira pessoa, singular ou plural; a posição do pronome oblíquo em relação ao verbo – se antes ou depois. Os resultados são apresentados na tabela 2.

Embora nas duas amostras haja pequena diferença entre os percentuais de estruturas imperativas com presença de pronomes – 20% na década de 70: 33 casos em 162; e 16% na década de 90: 103 casos em 658 –, os fatos observados na análise da variável *presença, tipo, localização e pessoa dos pronomes* são reveladores:

1) Na amostra de 70, não existe a estrutura do tipo *Deixa eu ver!* Além da inexistência de estruturas imperativas com pronome na forma do caso reto, há também desfavorecimento categórico do imperativo associado ao indicativo no contexto do pronome oblíquo *me* depois do verbo (0/20=0%). Nesta amostra, todos os casos com pronome de primeira pessoa singular são do tipo *Deixe-me ver!* – só com a forma imperativa associada ao subjuntivo. Embora este tipo de estrutura ocorra na amostra de 90, sua frequência é bastante baixa – há apenas 6 casos, o que por si já é significativo. Todavia, mais significativo ainda é o fato de que, na amostra de 90, há estruturas com pronome reto depois do verbo e com favorecimento maciço do imperativo associado ao indicativo (22/23=96%). A mudança de configuração sintática entre as duas amostras é, portanto, contundente.

2) Na amostra de 70, há apenas cinco casos de *me* antes do verbo, com todos eles favorecendo a forma associada ao subjuntivo. Além disso, não há ocorrência de *me* em posição inicial absoluta – dois destes quatro casos ocorrem em estruturas negativas do tipo *Não me bata!*. Os outros casos ocorrem com advérbios do tipo *Agora “me devolva” esse braço de molas*, outro fato também significativo. Na amostra de 90, por sua vez, há

40 estruturas com *me* antes do verbo, sem restrição de ocorrência em posição inicial absoluta do tipo *Me larga! Me solta!* e tendência crescente de imperativo na forma associada ao indicativo (24/40=60%) – mais um fato apontando mudança ou rearranjo do sistema.

	Início da década de 70	Final da década de 90
Fatores	Frequência do imperativo associado à forma indicativa	Frequência do imperativo associado à forma indicativa
<i>Ausência de pronome:</i> <i>CALMA! Deixa ver... Hum...</i>	11/129 = 9%	315/555 = 57%
<i>Pronome reto depois do verbo:</i> <i>Hum... Deixa eu ver...</i>	Não ocorre	22/ 23 = 96%
<i>Pronome oblíquo me antes do verbo:</i> <i>Então me responda franca-mente!</i> <i>“Cebolinha! Me faz um favor!”</i>	0/ 5 = 0%	24/ 40 = 60%
<i>Pronome oblíquo se antes do verbo:</i> <i>Não se preocupe! Então se prepara para correr! e si a lembre...</i>	0/ 4 = 0%	2/ 19 = 11%
<i>Pronome oblíquo me depois do verbo:</i> Bem... <i>Deixe-me ver...</i>	0/ 20 = 0%	0/ 6 = 0%
<i>Pronome oblíquo se depois do verbo:</i> <i>Divirta-se!</i>	0/ 4 = 0%	0/ 12 = 0%
<i>Pronome oblíquo o depois do verbo:</i> <i>Leve-os de volta pra casa!</i>	Não ocorre	0/ 2 = 0%
<i>Pronome oblíquo nos depois do verbo:</i> Segue esta colda e tire-nos daqui!	Não ocorre	0/ 1 = 0%
<b>Total</b>	11/162 = 7%	363/658 = 55%

Tabela 2 – Efeito da presença, tipo, localização e pessoa dos pronomes no uso do imperativo associado à forma indicativa em diálogos de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* – Contexto discursivo do pronome  *você*

3) Na amostra de 70, há apenas quatro casos de *se* antes do verbo, com todos eles favorecendo a forma associada ao subjuntivo. Como estes quatro casos co-ocorrem com estruturas negativas do tipo *Não se esqueça!*, também não se observa ocorrência de *se* em posição inicial absoluta. Na amostra de 90, há 19 estruturas com *se* antes do verbo, com um caso em posição inicial absoluta (*Aí! Se “plepala” para correr!*), com o surgimento – ainda tímido – de imperativo na forma associada ao indicativo (2/19=11%), índice de início de mudança em um contexto de resistência.

4) Em ambas as amostras, a presença de um pronome de forma oblíqua depois do verbo favorece categoricamente imperativo na forma associada ao subjuntivo (*Deixe-me ver!*; *Divirta-se!*; *Leve-os de volta pra casa!*; e *tire-nos daqui!*) – ponto de convergência entre as duas amostras.

Sob a perspectiva da análise levada a cabo, verifica-se na amostra analisada reflexo claro de dois momentos do português brasileiro escrito.<sup>4</sup> Além dos aspectos observados acima, há também outros de natureza interna que têm a ver com o risco da perda da leitura imperativa em, especialmente, estruturas do tipo *Não se esqueça! Divirta-se!*, caso fosse usado imperativo na forma associada ao indicativo, por causa da possibilidade de preenchimento da posição de sujeito *ele* neste tipo de estrutura, provocada especialmente pela presença do pronome oblíquo *se* (Scherre *et al.*, 1998). Neste sentido, o vocativo exerce papel interessante na escrita, particularmente na escrita não-dialógica, como veremos a seguir.

### 2.2.3. O papel do vocativo

A variável *presença ou ausência de vocativo* exhibe comportamento singular. Retirados os dados que favorecem apenas a variante subjuntiva para fins de cálculo de frequências corrigidas ou pesos relativos, que só é possível com dados de natureza variável, esta restrição emerge como a única estatisticamente significativa para a amostra de 70, cujos resultados podem ser vistos na tabela 3. Aliás, esta restrição tem efeito até mais contundente na amostra de 70 do que na amostra de 90, embora a tendência do efeito seja a mesma – o imperativo associado ao indicativo é mais favorecido na presença de um vocativo, normalmente expresso pelo nome do personagem.

Fatores	Início da década de 70		Final da década de 90	
	Frequência do imperativo associado à forma indicativa	Peso relativo dos fatores	Frequência do imperativo associado à forma indicativa	Peso relativo dos fatores
<i>Presença de Vocativo</i>	6/ 23 = 26%	0,79	139/221 = 63%	0,58
<i>Ausência de Vocativo</i>	5/ 82 = 6%	0,41	224/416 = 54%	0,45
Total	11/ 105 = 10%		363/637 = 55%	

Tabela 3 – Efeito da presença ou ausência de vocativo no uso do imperativo associado à forma indicativa em diálogos de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* – Contexto discursivo do pronome  *você*

Interpreto o efeito do vocativo à luz de fatos atuais da estrutura imperativa do português brasileiro escrito não-dialógico.

Em propagandas não-dialógicas do português brasileiro escrito, o imperativo é maciçamente expresso na forma associada ao subjuntivo, como se observa nas seguintes construções extraídas do *Correio Braziliense*, um dos principais jornais da cidade de Brasília:

<sup>4</sup> Para discussões desta natureza, ver Lucchesi (2000) e Sampaio (2001).

- (11) *Corra*, *salte*, *andE* e *deixe* de fumar (Expressão escrita sem presença de vocativo – *Correio Braziliense*, 25 de junho de 1999, Mundo, Saúde, Manchete)
- (12) *Deixe* para sexta, sábado e domingo o que você poderia fazer hoje. (Expressão escrita sem presença de vocativo – *Correio Braziliense*, 20 de novembro de 2003, 27, Cidades)

O imperativo na forma indicativa em textos escritos não-dialógicos – um mar de imperativos na forma subjuntiva – é possível, predominantemente, quando há âncora discursiva. Este fato é ilustrado de forma ímpar por uma propaganda do *Jornal do Brasil*, um dos principais jornais da cidade do Rio de Janeiro. Nesta propaganda, o verbo *ligar* ocorre na forma associada ao indicativo dentro de um *balão*, representando a língua falada (e também com um pronome átono antes do verbo em posição inicial absoluta); e ocorre na forma subjuntiva na construção representativa da escrita, ao pé do texto da propaganda, fora do *balão*.

- (14) *Me liga*. (Expressão escrita dentro do *balão* – *Jornal do Brasil*)  
 (15) *Ligue* para a NET Rio (Expressão escrita fora do *balão* – *Jornal do Brasil*)

Outro exemplo inserido em *balão*, extraído do *Correio Braziliense*, pode ser visto a seguir:

- (16) *SAI DA FRENTE!* Motorista de Brasília está cada vez mais mal-humorado. (Expressão escrita dentro do *balão* – *Correio Braziliense*, 7 de julho de 2002)

Da mesma forma que *balões*, assim como rimas (*Vem pra Caixa você também. Vem!* – Propaganda da Caixa Econômica Federal) e ícones (*Faz um 21!* – Propaganda da Embratel, com um gesto imitando um telefone), os vocativos também funcionam como apoio discursivo para a escrita não-dialógica, contribuindo para assegurar a leitura imperativa da forma associada ao indicativo, como exemplificado em:

- (17) *Olha o Papai Noel, Gente* (Expressão escrita com presença de vocativo – *Correio Braziliense*, 16 de novembro de 2003, Trabalho & formação profissional)

Para a década de 70, outro mar de formas imperativas associadas ao subjuntivo, o efeito do vocativo – favorecedor do imperativo na forma associada ao indicativo – pode também ser interpretado como elemento de forte apoio discursivo.

### 3. Reflexões finais

Na língua falada do português europeu, creio ser indiscutível que a distinção entre as formas imperativas se dá em função dos traços [+proximidade], codificados também pelos pronomes *tu* e *você*, respectivamente associados à presença e ausência de morfologia verbal, bem como pelos possessivos *teu* e *seu*. Esta codificação, opaca no português brasileiro, em especial com relação à expressão do imperativo, se insinua na maior formalidade da interação e, também, no sentimento autoritário das estruturas imperativas da fala da região Nordeste aos ouvidos de falantes da região Sudeste. Em discursos mais formais, a frequência de imperativo associado ao subjuntivo tende a aumentar na fala de pessoas da região Centro-Oeste (Scherre *et al.*, 1998; 2000; Lima, 2004). Os contextos do pronome *você*, portador dos traços [+proximidade], a depender da localidade, e do pronome *tu* sem concordância, portador do traço [+proximidade] em qualquer localidade, não controlam todavia de forma inequívoca o uso do imperativo associado ao subjuntivo ou ao indicativo, bem como o imperativo em uma destas formas não ocorre inequivocamente em outros contextos com traços de [-proximidade] ou de [+proximidade].

Também creio ser indiscutível que, no português europeu, os traços [+proximidade] norteiam o uso das variantes do imperativo na escrita não-dialógica. Isto pode ser ilustrado em mensagens e propagandas em Portugal. Em 10 de outubro de 2004, pude ler a seguinte mensagem no supermercado *Pingo Doce*, na cidade de Beja, em direção ao sul de Portugal, dirigida a crianças, com o traço [+proximidade]:

- (18) De volta à escola, O Pingo Doce convida todos os meninos para uma viagem ao fundo do mar.  
*Pede* o teu Bilhete na recepção, e a partir de 1 de outubro *visita* o Oceanário.

Os verbos em *italico* são imperativos, associados por parte da tradição gramatical brasileira à forma indicativa. Este tipo de estrutura, sem apoio discursivo claro (a não ser a construção assertiva anterior), é estranha ao falante-ouvinte do português brasileiro (ou pelo menos me é estranha). Temos a impressão de que não se trata de estrutura imperativa, especialmente a estrutura com o verbo *visitar*. Parece se tratar de uma afirmação com omissão de pronome *ele*, sem nexos sintáticos. Há um certo estranhamento estrutural e ruptura da leitura imperativa. Não parece ser uma estrutura do português, melhor dizendo, do português brasileiro. E realmente não é: trata-se de fatos do português europeu.

A estrutura imperativa escrita não-dialógica natural para os brasileiros e de ocorrência generalizada no português brasileiro escrito não-dialógico, independente, no Brasil, do traço [+proximidade], é a que se observa em uma outra propaganda também do supermercado *Pingo Doce*, destinada a pessoas adultas, com o traço [-proximidade], e com imperativo *supletivo*, isto é, com o imperativo associado à forma subjuntiva:

- (19) *Poupe* 50%  
... porque um bom vinho,  
merece um cálice à altura.

Esta segunda propaganda ocorre no contexto de segunda pessoa com verbo sem morfologia expressa. No verso da propaganda se observa este fato:

- (20) De 15 de Setembro até 30 de outubro de 2004 ao adquirir qualquer vinho da Feira, em qualquer de nossos estabelecimentos, *poderá* poupar 50% na compra de um pack de três cálices de degustação a um preço promocional.

A forma verbal *poderá* da estrutura acima, com morfema zero de pessoa, indica que NÃO se trata de uma estrutura com sujeito *tu*, contexto em que se tem de usar, necessariamente, a forma imperativa associada ao subjuntivo no português europeu, até onde vai meu conhecimento. Para os olhos de um brasileiro, a construção focalizada em (20), embora interpretável, também parece estranha. No Brasil, colocariamos seguramente um *você* expresso antes de *poderá*. Esta é a prática lingüística usual em qualquer prospecto de propaganda brasileira, em especial nos prospectos bancários, bem como o é o uso do imperativo na forma associada ao subjuntivo, que se dá por razões de natureza essencialmente sintática. Este fenômeno está imbricado com a diferença entre o português europeu e o português brasileiro com relação à questão sintática de preenchimento da posição de sujeito e com a questão da interpretação referencial/não-referencial de estruturas de sujeito não-preenchido. E aí já começamos outra estória ou continuamos a contar a história. Isto significa que já é hora de fechar este texto, que teve como principal objetivo utilizar a análise da expressão variável do imperativo como índice de reflexo de mudança no português brasileiro escrito, que se alinha aos fatos do português brasileiro falado, particularmente nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, em fenômenos que não envolvem estigma.

### Referências Bibliográficas

- ALVES, Gilson Chicon. (2004) A influência da simplificação da conjugação verbal da construção do imperativo. In: Dermeval da Hora (org.) *Estudos sociolingüísticos – perfil de uma comunidade*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, pp. 157-182.
- BECHARA, Evanildo. (1999) *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Lucerna.
- BONFÁ, Cláudia Regina Ziliotto, Pinto, Isis Alves & Luiz, Isabella. (1997) *Imperativo: uma comparação entre Lages e Florianópolis*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, inédito.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. (1991) *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional.
- CUNHA, Celso. & Cintra, L. F. (1985) *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ELIA, Sílvio. (1974) *Preparação à lingüística românica*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

- FARACO, Carlos A. (1986) Considerações sobre a sentença imperativa no português do Brasil. In: *D.E.L.T.A.* 2(1), São Paulo: Editora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pp. 1-15.
- FARACO, Carlos A. (1996) "O tratamento *você* em português – uma abordagem histórica", in: *Fragmenta*, 13, Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, pp. 51-82.
- FERREIRA, Gilcy Rodrigues Azevedo & Alves, Edna do Nascimento. (2001) *A expressão variável na fala goiana e fala escrita da internet*. Universidade de Brasília, inédito.
- LABOV, William. (1975) *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LABOV, William. (1981) What can be learned about change in progress from synchronic descriptions? In: D. Sankoff. & H. Cedergren (eds.) *Variation Omnibus*. Edmonton, Alberta, Canada: Linguistic Research, Inc, pp.177-199.
- LEITE, Josevane S. (1994) *O fenômeno variacionista na formação do imperativo – linguagem oral*. Universidade de Brasília, inédito.
- LIMA, Damaris Pereira Santana. (2004) *O uso do modo imperativo na fala de Campo Grande*. Campo Grande: Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal, inédito.
- LUCCHESI, Dante. (2000) *A variação da concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* (2003) *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- MORAIS, Rubens Damasceno. (1994) *O uso e emprego dos imperativos 2*. Universidade de Brasília, inédito.
- PINTZUK, Susan. (1988) *VARBRUL programs*. inédito.
- RODRIGUES, Márcia da Silva. (1993) *Estudo da formação do imperativo na linguagem oral e escrita*. Universidade de Brasília, inédito.
- SAMPAIO, Dilécia Almeida. (2001) *Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia.
- SANKOFF, David. Variable rules. (1988) In: U. Ammon, N. Dittmar & K. J. Mattheier (eds.) *Sociolinguistics – An international handbook of the science of language and society*. Berlin: Walter de Gruyter, pp. 984-998.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. (2004) Norma e uso – o imperativo no português brasileiro. In: Wolf Dietrich & Volker Noll. (Orgs.) *O Português do Brasil – Perspectivas da pesquisa atual*. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana – Vervuert, pp.231-260.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira *et al.* (1998) Phonic parallelism: evidence from the imperative in Brazilian Portuguese. *Papers in Sociolinguistics. N.WAVE-26 à l'Université Laval*. Québec: Nota Bene, pp. 63-72.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira *et al.* (2000) Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil. *Anais do II Congresso*

*Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Lingüístico*. Florianópolis, Taciro – Produção de Cds Multimídia, pp.1333-1347.

SOUSA, Maurício de. (1998-1999) *Mônica* 75, 140 e 154; *Cebolinha* 52, 54 e 141; *Cascão* 46, 53 e 54; *Magali* 21, 22 e 23; *Chico Bento* 46, 2 e 54. São Paulo: Globo.

SOUSA, Maurício de. (2002) *As primeiras histórias da Mônica*. São Paulo: Globo.

WEINREICH, U., Labov, W. & Herzog, M. I. (1968) Empirical Foundations for a Theory of Language Change. *Directions for Historical Linguistics: A Symposium*. Austin: University of Texas Press, pp.97-195.